

Daniele Luchetti e sua abordagem do amor nas telas

PÁGINA 3



Anderson Primo lança novo álbum sobre o mar

PÁGINA 4



Mostra celebra 200 anos da imigração alemã no país

PÁGINA 8



2º CADERNO

Francesc Guillamet/Divulgação



Coulant de roquefort nixtamalizado com nozes

Ernest Abentim/Divulgação



Ovo vivo de crustáceo

Francesc Guillamet/Divulgação



Panchino recheado com caviar

Francesc Guillamet/Divulgação



Calçot (variedade de cebola) liofilizado com seu consomé e missô de romesco

Um jantar no melhor restaurante do mundo

No topo do último ranking 50 Best, o Disfrutar, em Barcelona, reinventa aromas, sabores e texturas

No meio, há uma área mais privada, com poucas mesas. Em seguida está a cozinha aberta, já frenética. No subsolo é onde se guardam dois tesouros. Primeiro, a adega com mais de 1.500 títulos. Nos fundos está a área realmente exclusiva: a cozinha criativa, onde são realizados experimentos que poderão aterrissar na cozinha de produção (a de cima). Nessa noite, há uma “mesa viva”. São quatro comensais que, por 420 euros por pessoa (R\$ 2.500), estão apreciando um menu com seus criadores ao lado, longe do bulício da sala.

Continua na página seguinte

Por **Patu Antunes** (Folhapress)

O convite é irrecusável: jantar no Disfrutar em Barcelona, recém eleito pelo ranking 50 Best o melhor restaurante do mundo. Ao chegar, alguém não acostumado ao chique catalão se surpreenderia. O bairro não exala glamour e não está na rota turística badalada. A fachada é estreita, de azulejos coloridos e armação metálica. Será aqui mesmo? É ali mesmo. Um longo corredor conecta a entrada ao salão amplo e ao fundo, uma varanda.

É difícil falar do Disfrutar sem falar do Mediterrâneo ou de Cadaqués, vila a 170km de Barcelona, famosa por uma beleza ímpar e pelo gênio de Salvador Dalí. Na Costa Brava, convivem nostalgia, história, arte, uma vegetação peculiar, enseadas de águas cristalinas e o bom-comer. Disfrutar é tudo isso, com um elemento extra que faz toda a diferença: a brincadeira com os sentidos.

Quem espera um ano para conseguir uma mesa no Disfrutar acha que sabe o que o espera. Delírios de gastronomia molecular, forjados nos anos passados pelos três sócios - Oriol Castro, Eduard Xatruch e Mateu Casañas no ElBulli, de Ferran Adrià. Truques de sabores e texturas. Um menu com peças diminutas.

É isso, mas não só. A experiência se conforma como uma história contada ao longo de, mínimo, três horas, onde têm importância a ambientação, luminosidade e amplitude. Cada mesa tem dois garçons fixos e recebe a visita do sommelier Rodrigo Briseño e do chefe de sala Vicente Lara. Eles explicam a origem de ingredientes, técnicas ou ressaltam a proposta do restaurante.

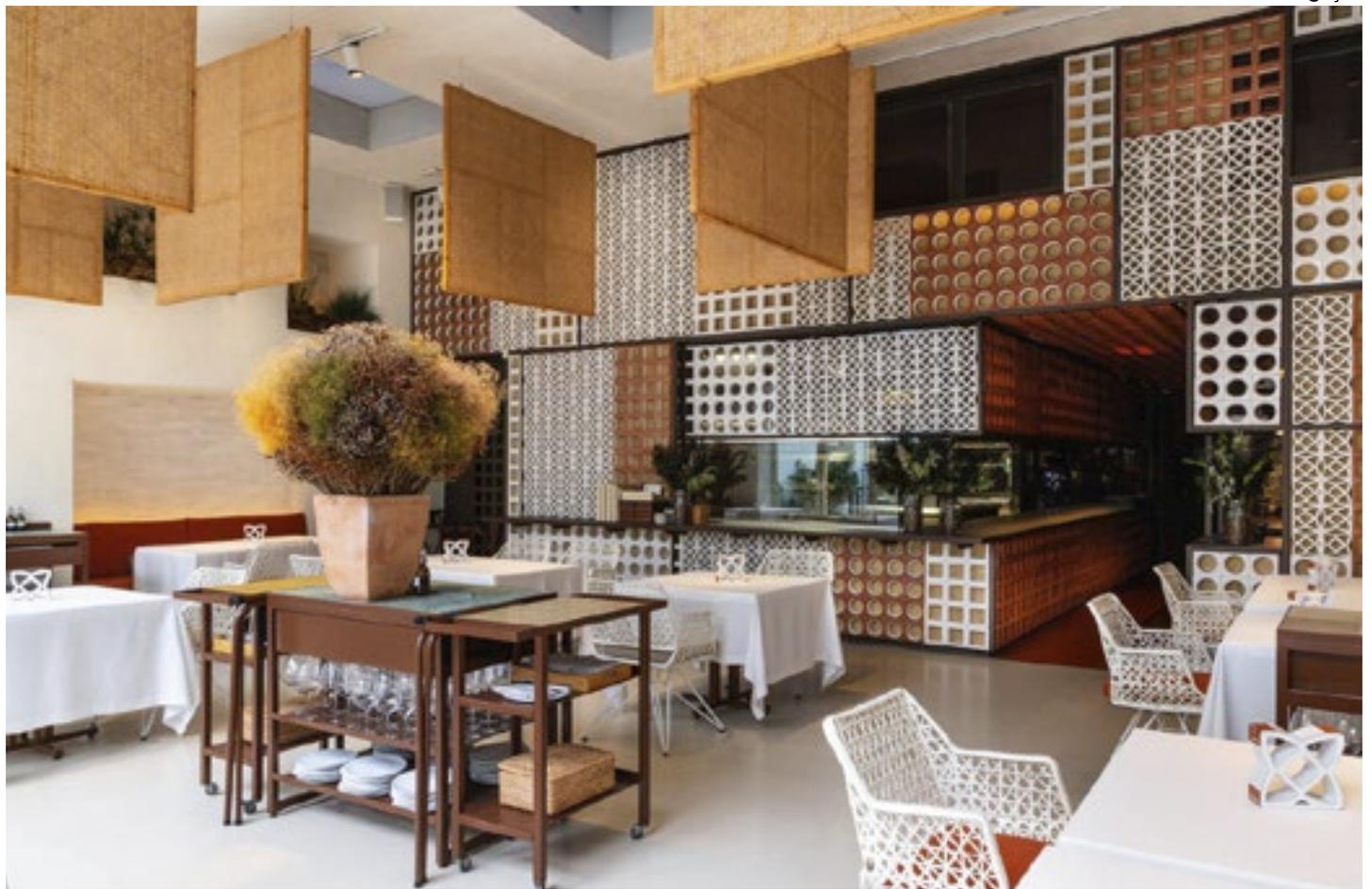
Um menu impresso é apresentado, com palavras como “emoções”, “sensações”, “exclusividade”, “técnica”, “criatividade”. Sim, tem um “quê” de ingenuidade, mas no final das quatro horas, faz sentido.

Sobre a carta, há só dois menus, de 28 pratos: o Classic, com as pratas da casa, e o Festival, com as novidades. Qualquer um deles custa 295 euros (R\$ 1.700) por pessoa, excluídas as bebidas. Para a reportagem, foi servido um mix dos dez anos do restaurante.

Para abrir a noite, um coquetel com uma língua gelada de maracujá e rum, sobre uma base que parecia vidro comestível. Leve e equilibrado, serve de antessala à concentração de sabor - 12 brotos vegetais e não vegetais sobre gelatina de tomate.

O tomate é rei e domina clássicos: no duo salada líquida & polvorosa com caviaroli de azeite de aréquina, ambos com texturas espetaculares. Também no sanduíche de gaspacho, no qual na verdade não há pão e sim um merengue de tomate desidratado e com textura de sorvete. Acompanha guarnição de vinagre em taça para “olfatear”. Ou seja, um sanduíche que não é sanduíche e uma sopa transformada em sorvete para recheiar o não-pão.

O caviar do esturjão beluga com creme azedo recheia o minimalista pão chinês, acompanhado de vodca macerada com trufa negra. Na sequência, mais caviar, desta vez em conjunto com borbulhas sólidas de manteiga defumada, servida com uma lupa e um



Ambiente interno do Disfrutar, eleito o melhor restaurante do mundo

Uma brincadeira com os sentidos

Joan Valera/Divulgação



Antes de Disfrutar, o chef Oriol Castro trabalhou no também premiado El Buli, de Ferran Adrià, referência da cozinha molecular

personagem em miniatura.

O arremate dessa fase é o falso coral de amaranto, com ovas de trutas e ostras. A apresentação faz um jogo de espelhos e ilusão de

ótica. A sensação é de comer o mar, caso fosse possível. É uma peça que se complementa com um destilado de wasabi produzido a 40 km de Barcelona.

Há ainda a releitura da calçotada, um ícone da cultura gastronômica catalã, com um calçot (uma variedade de cebola) liofilizado com seu consomé e missô de romesco.

Também chamativa é a desconstrução da gilda, um petisco típico que saiu do espetinho e passou ao prato, colocando em evidência cavala marinada, alcaparras, pimentão verde e azeitona esferificada.

Uma dezena de pratos depois, os sabores se dirigem às sobremesas. Há chocolates, casquinha de gergelim negro e iogurte gelado, pepino com granizado de gengibre e gergelim (um combinado entre doce e salgado) e maçã confeitada no vácuo com sorvete de manteiga noisette.

Para finalizar, petit fours como um bonsai que bem poderia ser uma maquete da vegetação mediterrânea. Nos seus galhos, marshmallow de framboesa, bombom líquido de chocolate e maracujá, algodão de cacau, rocha de matchá e abacaxi com chocolate branco.

ENTREVISTA / DANIELE LUCHETTI, CINEASTA

'Eu busco a simplicidade'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Conhecido entre os brasileiros por "Meu Irmão É Filho Único" (2007) e "Anos Felizes" (2013), o diretor romano Daniele Luchetti chega ao Rio neste fim de semana, depois de uma breve passagem por São Paulo, para prestigiar a edição carioca da mostra 8 ½ Festa do Cinema Italiano. Neste sábado (29), às 21h10, o realizador de 63 anos participa de uma projeção de seu longa-metragem mais recente, "Segredos" ("Confidenza"), no Cinesystem Botafogo, onde vai bater um papo com a plateia. Na segunda-feira, dia 1º de julho, ele terá uma roda de conversa no Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro, às 18h30. O evento será mediado pela jornalista Claudia Lamego e pelo curador da Cinemateca do MAM, Hernani Heffner.

Egresso de um país que foi a maior pedra no sapato de Hollywood, a partir dos anos 1940, ao ter gerado gênios como Roberto Rossellini, Vittorio De Sica, Federico Fellini, Pier Paolo Pasolini, Lina Wertmüller, Elio Petri e tantas outras vozes autorais, Luchetti começou a erguer seu legado de sucesso em 1985, sempre abordando dilemas afetivos. "Segredos" não foge à regra. A produção, exibida no Festival de Roterdã, na Holanda, é uma adaptação do romance homônimo de Domenico Starnone e é protagonizada por Elio Germano, um dos atores maior prestígio da Itália nos últimos 20 anos. Germano vive Pietro (Elio Germano), professor que ao longo de décadas vive uma relação tensa com Teresa (Federica Rossellini), um grande amor a quem confiou uma intimidade capaz de abalar sua paz.

Na entrevista a seguir, Luchetti faz um balanço de seu histórico nas telas e mapeia os desafios de se falar no benquerer nas narrativas contemporâneas.

De certa forma, "Segredos" ("Con-



Divulgação RIFF

“Minha vida nas telas é um retrato do que se passou com o cinema italiano dos anos 1980 para cá”

Daniele Luchetti

fidenza”) é uma história de amor, ainda que infestada de fantasmas. Como o senhor avalia a dependência emocional entre os personagens centrais?

Daniele Luchetti: A personagem Teresa é uma espécie de superego de Pietro. É como se ela fosse um outro lado de sua identidade, uma parte externa dele que o censura e o põe em perigo sempre, ainda que seja um perigo invisível.

Qual é esse perigo que ela represen-

ta e que estética do medo o senhor cria nessa dinâmica de risco?

O senso de medo que ele tem é movida pela aproximação de uma realidade que ele esconde. Teresa é a ameaça de que a máscara de homem perfeito que Pietro usa caia. O que eu construo é uma fricção de gêneros, misturando o terror a um cinema existencialista.

O que mais lhe atraiu no romance

de Domenico Starnone e em sua literatura?

Em sua potência criativa, eu encontro crueldade e profundidade, em uma camada de ação que acontece onde não se vê, ou seja, no interior dos personagens. Domenico foi professor por anos a fio. Eu também tenho a experiência da docência. Por meio da vivência dele e de sua recriação do universo da educação, eu posso entrar numa realidade que pode ser violenta, pois professores têm uma relação de influência direta em nossa formação.

Já que definimos “Segredos” como uma love story, de que maneira (ainda) é possível falar de amor no cinema nos tempos de hoje?

O amor é muito falado na televisão, por isso temos uma certa sensação de saturação. Mas eu me reporto, neste filme, à abordagem amorosa que diretores como Eric Rohmer e François Truffaut faziam no cinema francês dos anos 1970, que tratava o tema pela chave da simplicidade. A partir deles, eu procuro a minha originalidade sem deformar o modo de representar o querer pelo excesso.

Em 2025, o senhor completa 40 anos de carreira. Qual e como é a obra que o senhor vem construindo nesse tempo?

Minha vida nas telas é um retrato do que se passou com o cinema italiano dos anos 1980 para cá, que foi a libertação de um certo classicismo engessador e a busca por uma estética popular. Eu busco a simplicidade. Tento, de um modo simples, conceber uma estética que conte ao mundo os costumes e as dinâmicas sociais do meu país.

É sempre uma tentação para nós, brasileiros, diante de um bom filme italiano, entender de que forma a tradição cinematográfica do seu país age sobre seu processo de criação. De que maneira Fellini, Antonioni, Visconti, Pasolini e outros mitos frequentam seu olhar?

Eu vejo e revejo esses mestres todos os dias, encarando-os como se fossem Homero ou Virgílio. Eu exibo "A Bela da Tarde", de Buñuel, aos estudantes, e eles, por vezes, perguntam no que devem prestar atenção. O que eu tento explicar é que um filme daqueles pega a gente pela transcendência, pela sua liberdade.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Onze músicos de diversos estilos formam o projeto

Rival Petrobras recebe nesta quinta o coletivo Missa Criola

Criado em 2021, o coletivo musical Missa Criola apresenta o show “O futuro é ancestral” no Teatro Rival Petrobras, nesta quinta (27), às 19h30. O espetáculo autoral conta com 20 canções que fazem paralelos entre o passado e o presente de pessoas negras. Em palco, 11 artistas dos mais variados estilos, crenças e vivências, mas com algo em comum: a

pele preta.

Partindo da ideia da filósofa Katiúscia Ribeiro, “O futuro é ancestral” reforça o repensar dos comportamentos cotidianos, mostrando, por meio da música, a força e os saberes de um país construído com sangue, suor, paciência, arte e fé. Além de tocar em feridas que não fecham: racismo e reparação.

Caçando likes

Com mais de 50 anos de carreira, Stepan Nercessian recorreu às redes pedindo likes para conseguir emprego. “Vai aparecer a oportunidade de fazer uma novela e um filme e, se não tiver seguidor, eu não sou contratado”, disse.

Ao batente

Pouco mais de um mês após passar por duas cirurgias na cabeça, Tony Ramos está de volta ao trabalho. Contratado exclusivo da Globo, o ator gravou nesta quarta-feira (25) a cena final do telefilme “A Lista” em que contracena com Lília Cabral.

Caçando likes II

O ator de 70 anos fez 25 novelas, sendo a última “Quanto Mais Vida, Melhor” (2021). Já os últimos filmes que participou foram “Ninguém É de Ninguém” e “Mussum, o Filmis”, ambos em 2023. No Instagram, Nercessian tem 108 mil seguidores.

Uso indevido

Kanye West chegou a um acordo com o espólio de Donna Summer sobre o uso da música “I Feel Love” em sua faixa “Good (Don’t Die)”, que foi removida das plataformas de streaming por exigência dos representantes da obra da artista morta em 2012.

Submerso na profundidade de uma segunda onda

Cantor e compositor Anderson Primo volta a explorar o elemento água no álbum ‘Ocê, Oceano | Segunda Onda’

Rafael Haranaka/Divulgação

Por Affonso Nunes

Existe um fascínio natural dos mineiros pelo mar, aquele que recebe as águas dos rios. E em um momento em que as águas vêm decidindo o destino do nosso dia a dia, chega às plataformas digitais o segundo volume de um álbum que fala sobre este elemento que rege o planeta, que é fonte da vida.

Em “Ocê, Oceano | Segunda Onda”, o cantor e compositor Anderson Primo continua escoando temas que começou a abordar em seu trabalho anterior, o disco de estreia “Ocê, Oceano”. Ao todo são oito faixas que misturam referências da MPB, do rock, do pop e de diversos outros gêneros da música brasileira.

“Lancei o EP “Ocê, Oceano” em janeiro de 2020, dois meses antes da pandemia e comecei esse novo álbum em dezembro desse mesmo ano, já em cenário pandêmico. Sempre soube que “Ocê, Oceano | Segunda onda” seria uma continuação do primeiro trabalho, um escoar desse oceano que continua arremessando ondas no litoral”, explica o artista.

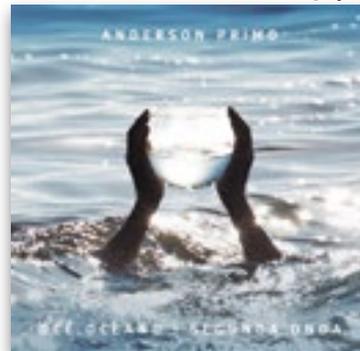
“Compus todas as oito canções desse álbum, algumas sozinho, algumas com parceiros-amigos queridos, pensei nas capas dos singles, na capa do álbum e no roteiro das canções. Não sabia quando iria lançar, nem se iria lançar, em meio ao caos que o mundo vivia”, acrescenta o cantor e compositor.

A produção e a direção musical são de Gleison Túlio, que já produziu trilhas sonoras para novelas da Rede Globo e produziu e tocou com Pato Fu, Emmerson Noguei-



Anderson Primo compôs todas as canções do álbum

Divulgação



ra, Marcelo D2 e outros. Gleison é o responsável também pelos instrumentos, alguns vocais e pela mixagem e masterização. O acordeon em “Capitãnio ou Paris” é de Nilson Silva Miranda. A direção de arte é de Anderson Primo, Marcio de Andrade e Rafael Haranaka; e o figurino é assinado por Renato Gremião.

“Mande mensagem pra Gleison Túlio, produtor do primeiro EP, e o chamei para moldarmos a segunda onda. Ele prontamente topou e passamos toda pandemia criando esse novo projeto à distância, dentre tragédias mundiais e autodescobertas, dentre encontros e

despedidas, dentre começos e fins”, recorda Primo.

“Atravessamos uma catástrofe, esse álbum também. Somos sobreviventes e agora é hora de dar mais um mergulho, mais profundo nesta segunda onda”, resume Anderson Primo.

Mineiro radicado no Rio desde 2011, Anderson também é ator – com passagem recente pelo elenco do musical “Morte e Vida Severina”, dirigido por Luiz Fernando Lobo. No início de 2018, estreou o “Show Ocê, Oceano” no Teatro Café Pequeno, no Leblon. Em 2019, foi selecionado para participar do Rio2C – maior evento de criatividade e inovação da América Latina. No Rio de Janeiro, Primo já se apresentou em palcos como o do Morro da Urca, Beco das Garrafas, Teatro Rival e Manouche. Em 2023, foi convidado a abrir o show de Zeca Baleiro no Festival Nacional de Arte de Rua em Minas Gerais e foi convidado pelo cantor maranhense para cantarem juntos seu grande sucesso: “Lenha”.

Mariana Volker no 'Olho D'Água'

Cantora e compositora mostra canções de seu novo álbum no Manouche

A cantora, compositora e instrumentista carioca Mariana Volker faz show de lançamento do novo projeto, "Olho D'Água", seu quarto álbum de estúdio, nesta quinta-feira (27), no Manouche. A mágoa, a dor, a saudade, o delírio, a fantasia e a cura protagonizam uma narrativa profunda, da artista consigo mesma, neste novo trabalho.

Mariana começou sua carreira aos 17 anos, na Unidade Imaginária, banda com a qual concorreu ao prêmio de música da MTV em 2010, o VMB, e participou de diversos festivais pelo Brasil, como Grito Rock, Unifest Rock de Cam-

pinas, Festival Universitário MTV, entre outros.

Dez anos após ter debutado solo no mercado fonográfico com o EP "Palafita" (2014), com produção de Liminha, Mariana lançou os álbuns "Órbita" (2019) e "Impossível Dizer que Não Senti" (2022) e ainda participou de dois shows com a banda The Silvas, com o produtor Liminha, o baterista João Barone e Toni Platão, no Shell Open Air e no Rock in Rio, e lançou, em parceria com o Capital Inicial, o single "Pensando em Você", que já soma mais de 5 milhões de plays nas plataformas digitais.

Antes, lançou, junto com o grupo Gilsons, o single "Devagarinho",

Isadora Relvas/Divulgação



Mariana Volker canta a mágoa, a dor, a saudade, o delírio, fantasia e a cura em seu novo trabalho

que já marca 67 milhões de plays no Spotify, e dois singles "Gigantesca – versão piano" e "Me Dá Me Dê" com a dupla de DJs Transpira e, ainda, dois clipes: "Gigantesca" e "Finge", que marcaram um novo momento de seu trabalho.

Neste show "Olho D'Água" Mariana Volker passeia por composições autorais próprias, como estas presentes no novo disco "Deleita", "Outras Pessoas", "Gota a Gota" e "Tu Tá", e "Devagarinho" e músicas de artistas que a inspiram tais como a Adriana Calcanhotto, Geraldo Azevedo e Sade.

SERVIÇO

MARIANA VOLKER | OLHO D'ÁGUA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese) | 27/6, às 21h
Ingressos: R\$ 100 R r\$ 50 (ingresso solidário - levando um quilo de alimento não perecível ou livro, a ser doado para os refugiados do Rio Grande do Sul)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Buscando o recomeço

Destaque do deep house e da progressive house, o produtor alemão Ben Böhmer anuncia seu novo álbum de estúdio. O artista, que recentemente se apresentou no Brasil, lançará Bloom no dia 27 de setembro e o projeto é antecipado pela reflexiva e dançante faixa "Best Life", uma parceria com o duo Jonah. Após turnê mundial, Böhmer tirou um tempo para si mesmo e voltou ao espaço que mais o inspira: seu estúdio. Insatisfeito com os caminhos de trabalhos anteriores, apesar do sucesso, "Bloom" é uma busca pelo recomeço.

Divulgação

Divulgação



Soltando a voz

Conhecida como instrumentista, Gina Alice mostra em "Slo-Mo" nova faceta de sua arte, revelando seu alcance vocal numa faixa que mistura pop, R&B e soul. Sua voz paira sobre a paisagem sonora, marcada por sintetizadores e ritmada com palmas. "Comecei tocando acordes no piano. Eu estava curtindo as harmonias e entrando no clima. É uma música mais sexy, vibrante, sobre esse sentimento de quando você conhece alguém e se conecta. Você sente de verdade os bons momentos, mas eles passam rápido demais, então você os quer em 'Slo-Mo' (câmera lenta)", explica a artista.

Divulgação

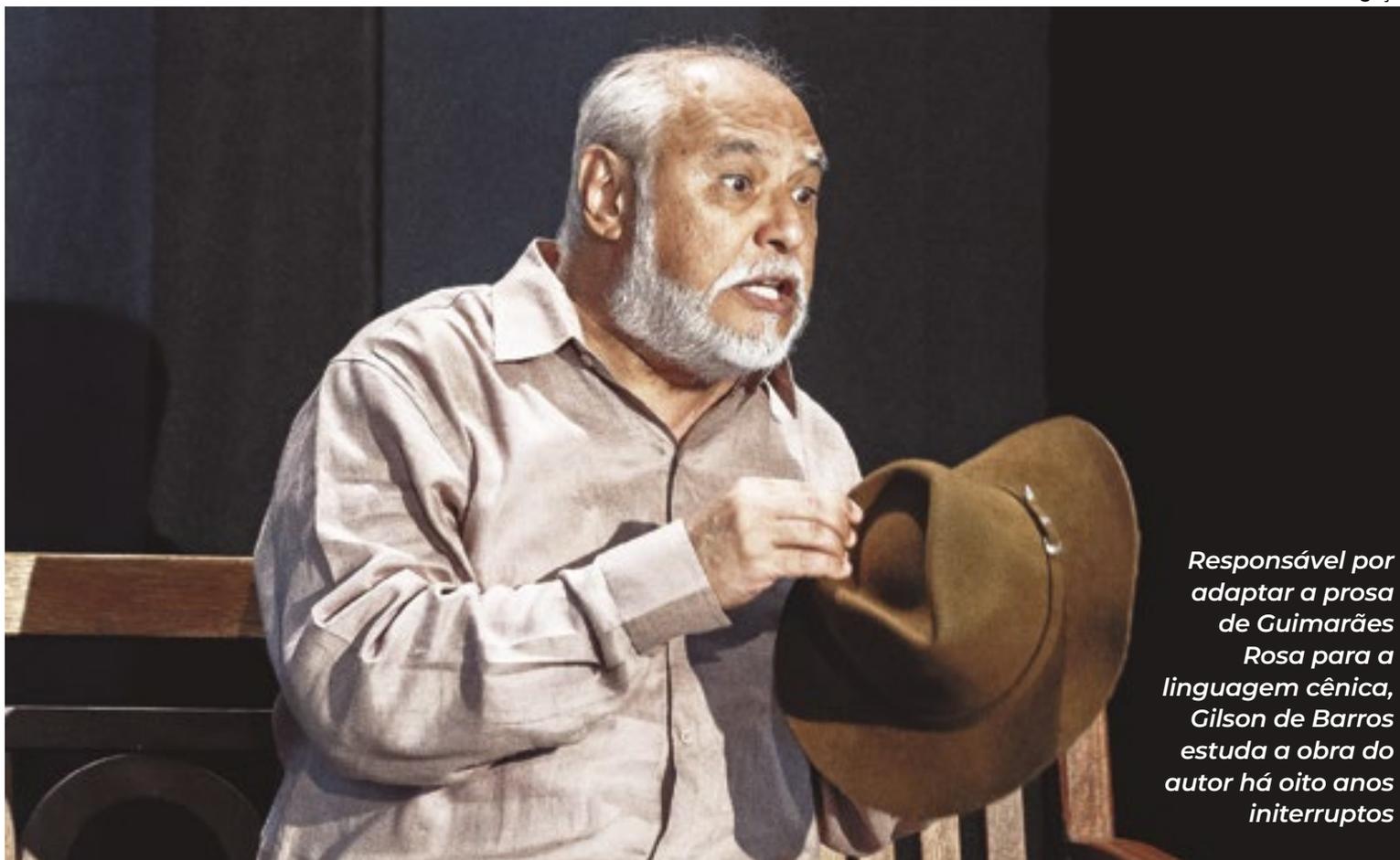


Memórias sensoriais

Banda que une rock, pop e música brasileira, a Bratislava recria memórias que surgem pelos sentidos na faixa "Sabor Fantasma", canção que oscila entre o desejo e o coração partido, o tédio e a saudade. É a primeira amostra do álbum homônimo da banda, quinto da carreira, que será lançado em agosto. "O sabor do beijo que ficou como um eco na boca de um dos amantes, a lembrança do sabor da pessoa amada... É a memória olfativa ou auditiva, sentir certos cheiros ou ouvir certos sons que te transportam para algum momento do passado", conta Victor Meira, tecladista e vocalista.



Divulgação



Responsável por adaptar a prosa de Guimarães Rosa para a linguagem cênica, Gilson de Barros estuda a obra do autor há oito anos ininterruptos

Um grande sertão no palco

Segundo espetáculo de uma ambiciosa trilogia baseada no universo roseano, 'O Diabo na Rua, no Meio de Redemunho' encerra temporada no Espaço Abu

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Em sua última semana em cartaz no Espaço Abu, "O Diabo Na Rua, No Meio do Redemunho" é o segundo espetáculo, de um projeto ambicioso denominado "Trilogia Grande Sertão: Veredas", com direção de Amir Haddad e recorte e atuação de Gilson de Barros.

Pesquisador minucioso do universo de Guimarães Rosa (1908-1967), Gilson fala, com exclusividade ao Correio da Manhã, de seus redemoinhos de sentimentos sobre este projeto

que vem guiando sua carreira nos últimos anos.

"Estudar e tentar traduzir a prosa de Guimarães Rosa para a linguagem do teatro tem sido a função da minha vida há oito anos. Eu participo de grupos de estudo da USP, da UFMG, da UNB, da Universidade Nova de Lisboa... Estudo Guimarães Rosa em todas as academias possíveis e fora da academia também. Então, eu não tinha noção da dimensão da obra e também não tinha noção da paixão que eu ia construir com esse escritor. Eu sou literalmente fissurado em Guimarães Rosa hoje, especificamente no livro 'Grande Sertão,'

mas estudo toda a obra dele. Qualquer estudo, quando você se aprofunda, ele te dá retorno.", relata o ator, já com 50 anos de carreira nas artes cênicas.

"Eu vivo hoje de Guimarães Rosa. Eu estou com duas peças prontas, estou a caminho de uma terceira, a trilogia, e eu nunca imaginei ter uma dimensão tão grande no meu trabalho nacional e agora já internacionalmente. Fui para Bogotá e fui para Lisboa e já é certo que eu volto ano que vem para Portugal, vou fazer Paris também. Então é uma coisa que eu não tinha no início dimensão. O Amir brinca comigo e ele fala, rapaz, se você tives-

se noção do trabalho, você não ia encarar. E eu acho que ele está certo, porque eu sou bastante medroso. Quando você está no meio de um processo, não tem como voltar", confessa.

Gilson admite que, no início de todo esse processo investigativo ele não tinha dimensão do tamanho da obra a que estava se dedicando.

"A grandeza da obra e deste nome, do respeito que esse homem goza no nosso país.. Sabe quando você está no meio de um amor que você não tem dimensão? Você não consegue raciocinar, né? Os grandes amores são esses. Eu não consigo, eu só con-

sigo sentir maravilhas. Gosto de fazer as peças, gosto de estar envolvido com os cursos", explica.

Para Gilson, Guimarães Rosa está lhe ensinando uma visão muito maior do mundo. "Para ele, nós somos iguais às plantas, à árvore, à água, ao chão... é uma loucura. Mas essas cabeças abrindo é que eu com 64 anos estou me permitindo", afirma, acrescentando que não é só o ator que está ganhando com esse projeto, mas a pessoa, Gilson. "Fui indicado a prêmio, estou conseguindo viver disso, como eu já falei, isso é uma maravilha para qualquer ator", comemora.

Estar em companhia de Amir Haddad, uma gigante das artes cênicas é outro orgulho do ator. "Ultimamente ele mais supervisiona do que dirige, mas a mim ele dirige. Isso é um privilégio. Ele dirigiu o meu espetáculo, dirigiu o ator Gilson de Barros. O Amir me reconduziu ao palco fazendo o teatro do que tem que ser, não é o possível, é o que tem que ser, não é o que eu posso, é o que Guimarães Rosa pede, é o que a cena pede. Isso muda tudo", destaca, dizendo que o veterano diretor o reposicionou como ator.

Gilson afirma que, depois de um bom tempo de trabalho com essas peças, consegue sentir algo que Haddad lhe disse no início dos ensaios: "Ele disse que eu ia chegar ao ponto de fazer o espetáculo sentado no banco com ele de um lado meu e Guimarães Rosa do outro. É uma loucura, mas eu sinto isso mesmo. Eu não me sinto num monólogo, eu não me sinto sozinho. Eu sinto que eu tenho a companhia de um Amir e de um Guimarães Rosa do lado. Isso é uma coisa forte pra caramba", alegre-se.

SERVIÇO

O DIABO NA RUA, NO MEIO DO REDEMUNHO

Espaço Abu (Av. Nossa Sra. de Copacabana, 249 - loja E - Copacabana)
Até 30/6, de sexta a domingo (20h)
Ingressos: R\$ 60 r R\$ 30 (meia)

Após um ano de reformas, o Armazém Utopia, o galpão da Zona Portuária que abriga a Companhia Ensaio Aberto, apresenta suas novas instalações nesta sexta-feira (28). Orçada em R\$ 36 milhões, com apoio financeiro do BNDES e patrocínio master da Shell e do Instituto Cultural Vale, a obra expande projetos da companhia Ensaio Aberto com restauro do galpão centenário, novos espaços cênicos, teatro found space (um conceito flexível para o palco) com arquibancada retrátil, travessa aberta para o cais, restaurante à beira-mar e uma programação intensa a partir de agosto.

A reinauguração do espaço se completa em agosto com a conclusão da obra no galpão anexo, de 1.750 m², onde ficará o Teatro Vianinha (em homenagem ao dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho), um dos palcos dos espetáculos da Ensaio Aberto e de companhias visitantes. Será um teatro multiuso para 300 pessoas na menor configuração e 500 na maior.

O novo espaço será aberto ao público pela primeira vez na estreia do espetáculo “O banquete”, obra derradeira de Mário de Andrade – e não-acabada devido à sua morte em 1945 – na qual o protagonista, Janjão, um compositor pobre, tem diálogos críticos de raiz social sobre a eurocentração da arte, sobre a alta sociedade paulistana e a vida cultural da cidade nos anos 1920, época do movimento modernista.

O espetáculo está em fase de criação, e os ensaios começam em julho com elenco formado por atores e atrizes da companhia e da última oficina de interpretação gratuita. A direção artística é de Luiz Fernando Lobo, a montagem da cenografia é de J. C. Serroni, o desenho de luz de César de Ramires, a direção musical e trilha original de Felipe Radicetti e os figurinos de Beth Filipecki e Renaldo Machado, todos parceiros de longa data da companhia. A direção de produção é de Tuca Moraes e a produção de Dani Carvalho.

Após “O Banquete”, serão encenados quatro espetáculos ao longo de um ano. Em setembro, apenas



Divulgação

Imagem de setembro de 2023 durante a realização das obras: ‘Parecíamos ciganos dentro do Armazém’, conta o diretor Luiz Fernando Lobo. A Ensaio Aberto manteve as atividades ao longo de todo o período da reforma

Uma utopia ampliada

Galpão que abriga a Cia. Ensaio Aberto ganha novas facilidades após um ano de reforma

um mês depois de estrear o texto de Mário de Andrade, Tuca Moraes subirá sozinho no palco da Sala Sérgio Britto, definido por Lobo como “um teatro-laboratório, para plateias menores, inclusive com novos horários.” O monólogo “Palavras” é inspirado no universo da obra de Clarice Lispector.

Depois disso, a companhia irá montar dois espetáculos de seu repertório: em março estreia “A Exceção e a Regra”, escrita por Bertolt Brecht, que teve todas as apresentações lotadas em 2023, quando a Ensaio Aberto celebrou 30 anos de existência. E em agosto do ano que vem, estreia “Olga”, um espetáculo-documentário escrito e dirigido por Luiz Fernando Lobo sobre

Olga Benario Prestes, assassinada pelo nazismo após ser entregue pelo presidente Getúlio Vargas durante a ditadura do Estado Novo.

Neste 2024 – 14 anos e 15 espetáculos depois –, o Armazém da Utopia, agora tombado imaterialmente pelo estado e município do Rio, se consolida como um porto aberto para receber coletivos irmãos do Brasil, América Latina, África e de todos os lugares do mundo, e se tornar uma nova casa para todos esses coletivos, um centro de produção criativa com laboratórios artísticos e técnicos. “Um lugar onde outros coletivos possam fundear ou amarrar e estabelecer contatos e comunicação, lugar de descanso e de refúgio, de chegada

e de partida, unindo porto e cidade”, explica o diretor e fundador da companhia, Luiz Fernando Lobo.

Sem interromper as atividades artísticas e de formação técnica da companhia, a obra mexeu com o cotidiano do grupo. “Parecíamos ciganos dentro do Armazém. Era importante mantê-lo aberto durante as obras. Estreamos um espetáculo, uma exposição e continuamos com nossas oficinas e estudo do Teatro dos Trabalhadores”, conta Lobo.

A estrutura do galpão histórico, de tipo inglês, foi restaurada respeitando o projeto original, algo raro entre os 18 armazéns construídos na região, mantendo a arquitetura singular com grande vão central no

interior, característico do passado portuário.

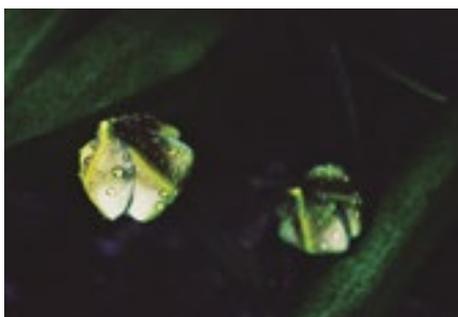
A grandiosidade do espaço comporta uma diversidade de eventos culturais e sociais, a exemplo dos já realizados, “MURS”, do La Fura Del Baus, Festival de Cinema do Rio, Festival Panorama de Dança, Back to Black, Festival Multiplicidade e lançamento de álbuns como “Ladrão”, do rapper Djonga, instalações como a NBA House e festas diversas, além de projetos mais arrojados da companhia, como os espetáculos “Missa dos Quilombos”, “Dez Dias que Abalaram o Mundo” e “O Dragão”.

O teatro terá um sistema retrátil de arquibancada, importado de Londres. Dependendo da configuração do palco – italiano ou em formato de arena, por exemplo –, a arquibancada pode se transformar em menos de cinco minutos. “Podemos fazer uma plateia italiana, uma arena de dois, três ou quatro lados, um palco-sanduíche, um palco elizabetano... São diversas possibilidades, o que para o nosso trabalho é essencial, porque a gente sempre brincou muito com isso, e o público nunca sabe o que esperar do nosso próximo espetáculo”, explica Lobo.



Exposição 'Argus' celebra os 200 anos da Migração Alemã para o Brasil

ECOS germânicos



AM. Blois Galeria inaugura nesta sexta-feira (28) a exposição "Argus". Realização da Ava Galleria Rio e curadoria de Edson Cardoso, a mostra homenageia os 200 anos da Migração Alemã no Brasil e leva o nome de um velho navio de madeira, com velas e três grandes mastros que, em julho de 1823, trouxe do Porto de Amsterdã, na Holanda, os primeiros imigrantes ao nosso país.

Chegando ao Brasil, teria início um processo que duraria décadas e levaria milhares de europeus ao território brasileiro, exercendo uma ampla variedade de atividades nas áreas de agricultura, indústria, comércio, arquitetura e artes, pertencendo a classes sociais diferentes e desempenhando, assim, um papel importante na configuração econômica e cultural de nosso país, enriquecendo a cultura brasileira com suas tradições, música, gastronomia e literatura.

Entre os artistas convidados a participar da exposição estão os alemães Petra

Kollmannsberger, Michael Arantes Müller e Jürgen Eichler; o holandês Adriano Antoine; e os brasileiros Anamaria Vieira, Andréa Brêtas, Amanda Padovani, Amanda Spíndola, Bianca Vidal, Bruca Mani-gua, Claudia Sperb, Eduardo Valdetaro, Elizabeth Wortsman, Gisele Faganello, Guto Santos, Hanne Hickmann Hansel, Laura Figueiredo-Brandt, Leon, Lukschal, Maurício Piffet, Marlene Blois, Patrícia Falabella, Paula Queiroz, Solange Greco,

Yana Purger, Soliveiz e Tavinho Paes.

Hoje, estima-se que existam mais de 5 milhões de descendentes de alemães no Brasil, fazendo dessa comunidade uma das maiores do país. Sua influência é evidente na cultura, economia e sociedade brasileiras, destacando a imigração alemã como um capítulo importante da história nacional, um exemplo de superação e contribuição para o desenvolvimento nacional.

Devido a pressões econômicas, políticas e

sociais na Alemanha, muitos alemães deixaram seu país no século XIX. Eles buscavam melhores oportunidades de vida, liberdade religiosa e refúgio de conflitos e instabilidade presentes em sua terra natal. Entre 1878 e 1892, mais 7 milhões de alemães deixaram a Alemanha, sendo que a grande maioria emigrou para os Estados Unidos.

Após a abolição do tráfico negreiro, a imigração europeia aumentou significativamente para suprir a demanda por mão de obra nas plantações de café do Brasil. Além disso, no Sul do Brasil, havia uma necessidade urgente do governo de promover o povoamento da região para estimular o desenvolvimento econômico e consolidar o território, levando, assim, ao oferecimento inicial de terras aos imigrantes alemães.

Os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Brasil durante o reinado de D. Pedro I e se estabeleceram principalmente nas regiões Sudeste e Sul do país. A colônia alemã de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi fundada em 1824, marcando o início dessa presença alemã no Brasil.

Duzentos anos atrás, depois de uma viagem de seis meses, o veleiro Argus chegava ao Porto do Rio. A embarcação holandesa trazia para o Império brasileiro 269 imigrantes alemães. O Argus era o primeiro dos quase 40 navios que trariam ao Brasil mais de 11 mil colonos e soldados germânicos até 1830.

SERVIÇO

ARGUS

M.Blois Galeria de Arte (Rua Visconde de Pirajá, 111 - loja E - Ipanema)
De 28/6 a 14/7, de terça a sábado (11h às 12h / 13h às 17h) | Entrada franca